

Uma solução engenhosa ao horror da castração – um apanhado sobre o *fetichismo* na obra freudiana

Ronaldo Manzi Filho¹

Resumo: Embora haja uma referência esparsa sobre o fetichismo na obra de Freud, seu papel, entretanto, é decisivo. De um modo geral, Freud irá destacar como o fetichista triunfa diante do horror à castração, pois ele nega a castração do pênis materno e, ao mesmo tempo, consegue eleger um objeto substituto que satisfaça sua fantasia. Uma negação, aliás, peculiar na obra de Freud, que ele denomina de *Verleugnung*. Mas, talvez, o mais interessante só apareça nos seus últimos textos em que ele mostra de modo claro uma operação de clivagem do Eu – uma clivagem no interior de uma das instâncias psíquicas que poderia nos levar a pensarmos em outra forma de subjetividade não mais pautada no recalque. Poderíamos então perguntar: o que seria um Eu não mais submetido ao princípio de sínteses, mas clivado?

Palavras-chave: fetichismo; castração; objeto substituto; negação; clivagem do Eu.

Apesar de o termo fetichismo ter aparecido na obra freudiana de modo discreto e só receber um estatuto mais acabado no final da década de 20, esse conceito não deixa de ser decisivo em sua obra. Primeiro, porque revela um modo de negação muito específico que ele denomina de *Verleugnung* (desmentido). Segundo, porque coloca em destaque o *papel do complexo de castração*. Por fim, mostra de modo claro uma operação de *clivagem do Eu*.

Entretanto, é só no texto de 1927, *Fetischismus (Fetichismo)*, e, depois, em 1939, com *Die Ichspaltung im Abwehrvorgang (A divisão do Eu no processo de defesa)*, que essas operações ficam claras. Na verdade, há uma referência esparsa a esse conceito desde o texto *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie (Três ensaios sobre a Sexualidade)*, em que ele afirmava que “nenhuma outra variação da pulsão sexual nas raias do patológico merece

¹ Ronaldo Manzi Filho: possui graduação em filosofia pela Universidade Católica de Goiás e formação em Psicanálise pelo Centro de Estudos Psicanalíticos. Possui mestrado e doutorado em filosofia pela Universidade de São Paulo, e doutorado em filosofia pela Radboud Universiteit Nijmegen (cotutela). Co-organizou os livros *A filosofia após Freud* (Humanitas) e *Paisagens da Fenomenologia francesa* (UFPR). Participa do grupo de pesquisa do Laboratório de Estudos em Teoria Social, Filosofia e Psicanálise (USP). É membro da International Society of Psychoanalysis and Philosophy.

tanto o nosso interesse quanto essa, dada a singularidade dos fenômenos a que dá lugar” (Freud, 1905/1996, p.145). Isso porque o fetichismo aparece como uma “substituição imprópria do objeto sexual”, ou seja, quando o objeto sexual visado é impróprio para “servir ao alvo sexual normal” (Freud, 1905/1996, p.145). Assim, o sujeito visa partes do corpo ou mesmo objetos inanimados que substituem o objeto sexual normal, havendo, desse modo, uma *supervalorização* psicológica desse objeto ou dessa parte do corpo. Com isso, o fetichismo serve como um exemplo maior do que Freud entende por *plasticidade* da libido. Quer dizer, com o exemplo do desvio do alvo sexual normal, o fetichista demonstra que, para ele, não há uma relação *necessária* entre o destino da libido e os imperativos de reprodução, o que fica claro também ao se destacar como a sexualidade infantil é polimorfa e perversa. O caso é que o fetichista mantém esta fixação perversa mesmo na vida adulta.

Entretanto, no texto de 1905, Freud não explica como esse desvio da sexualidade é possível, somente indicando como, na maioria das vezes, a escolha fetichista recai nas impressões infantis devido à “(...) preponderância que cabe na vida anímica aos traços mnêmicos, em comparação as impressões recentes” (Freud, 1905/1996, p.228). O que ele destaca é como a *fixação* no objeto fetiche é patológica e não o ato do sujeito investir sua pulsão em um objeto que não seja o alvo normal, como no caso do enamoramento.

Esse mesmo tema de fixação relacionada ao fetichismo encontramos no texto *Eine Kindheitserinnerung des Leonardo da Vinci (Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância)*, de 1910. Na verdade, o fetichismo aparece aqui relacionado ao *complexo de castração*. Trata-se de uma passagem em que Freud busca explicar como “(...) a imaginação humana não vacila em emprestar a uma imagem que pretende essencialmente representar a mãe um atributo da potência masculina que representa exatamente o oposto de qualquer ideia maternal” (Freud, 1910/1996, p.101). A seu ver, a teoria psicanalítica da sexualidade infantil é capaz de responder a essa estranha manifestação.

Freud retoma nessa passagem as teorias sexuais infantis, especialmente o interesse do menino pela sua própria genital. Digo “especialmente”, não por acaso – Freud parece mostrar como o fetichismo está ligado à constituição da identidade masculina. Ou seja, é a partir da hipótese da identidade masculina que se terá a possibilidade de uma negação fetichista. Lembremos para isso que, devido à supervalorização de sua genital, a criança crê que todas as pessoas, inclusive sua mãe, possuem um órgão tão importante. Isso porque, no desenvolvimento sexual, a sexualidade é unificada ao primado da zona genital tendo, no pênis, o objeto privilegiado de investimento, sendo improvável que a criança possa pensar que qualquer outra pessoa possa ser desprovida de tal órgão. Sua crença é tão profunda, que ela nega a percepção da ausência de um órgão semelhante

nas meninas, crendo que algo irá crescer ali mais tarde². Modo de dizer, aliás, que o conflito entre a percepção e seu desejo se vale também de julgamentos e hipóteses a favor de sua crença, o que significa afirmar que é possível sustentar uma crença mesmo diante de uma percepção indesejada (o horror à castração).

Depois de ter frustrado sua expectativa de não ver um pênis crescer nas meninas, Freud sugere que a criança realiza outra hipótese: o pênis nas meninas foi cortado. Nessa mesma época, a criança provavelmente já terá ouvido ameaças ao seu próprio pênis, devido ao seu interesse demasiado por ele – por isso ela é capaz de realizar tal hipótese que, aliás, é uma *fantasia* da criança. Trata-se aqui da *ameaça de castração*.

Entretanto, antes desse complexo, a criança já deve ter passado por uma experiência escópica intensa pelos órgãos genitais. Com a descoberta da ausência do pênis nas meninas/mulheres/mãe, o desejo escópico se transforma em seu oposto e mesmo em uma repulsa ao fato de alguém não possuir um órgão tão importante. Assim, a representação de um corpo sem pênis é o motor de angústia e mesmo de agressividade em relação ao feminino – uma recusa da feminilidade (no menino). É aqui que Freud introduz a possibilidade de *fixação* – no modo de a criança lidar com a ameaça de castração:

a fixação no objeto antes tão intensamente desejado, o pênis da mulher, deixa traços indelévels na vida mental da criança, quando essa fase de sua investigação sexual infantil foi particularmente intensa. Um culto fetichista cujo objeto é o pé ou calçado feminino parece tomar o pé como mero símbolo substitutivo do pênis da mulher, outrora tão reverenciado e depois perdido. Sem o saber, os ‘corpeurs de nattes’ [perversos que sentem prazer em cortar o cabelo das mulheres] desempenham o papel de pessoas que executam um ato de castração sobre o órgão genital feminino. (Freud, 1910/1996, p.103)

Como vemos, o fetichismo está relacionado aqui, como nas *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie* a uma fixação e a um deslocamento. Entretanto, essa fixação e esse deslocamento são, agora, relacionados ao complexo de castração – à *negação da castração do órgão genital feminino*. Ou seja, o fetichista simplesmente elegeria um objeto substituto do pênis feminino, como, por exemplo, o culto ao pé que seria nada mais do que a substituição do pênis feminino existente em fantasia. Desse modo, *Freud articula*

2 A menina também, segundo Freud, supõe a existência de um pênis – o clitóris seria um “pequeno pênis” que mais tarde cresceria. Isso destaca um caráter masculino na sexualidade feminina que será superado no momento de sua passagem pelo complexo de Édipo. Freud dirá em *Die infantile Genitalorganisation (eine Einschaltung in die Sexualtheorie)* (*A organização genital infantil (uma interpolação na teoria da sexualidade)*): “a característica principal dessa ‘organização genital infantil’ é sua diferença da organização genital final do adulto. Ela consiste no fato de, para ambos os sexos, entrar em consideração apenas um órgão genital, ou seja, o masculino. O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do falo” (Freud, 1923/1996, p.158).

a *gênese do fetichismo com a constituição das identidades sexuais*³. Percebamos: a menina não poderia realizar uma tal negação porque ela não é ameaçada de ser castrada – ela deve assumir o fato de não possuir um pênis⁴. O menino, por outro lado, pode negar a castração feminina, não abandonando, assim, a fantasia do “monismo fálico”. O fetichista pode, então, conservar a fantasia de que “todos possuem um pênis” ou, pelo menos, não levar a sério a castração. Essa passagem de Vladimir Safatle é clara nesse sentido:

pelos vias da substituição, o sujeito conservava uma construção fantasmática que, mesmo assumindo o primado fálico, anulava as duas consequências principais dessa assunção: ele não submetia a sexualidade aos imperativos de reprodução e, principalmente, ele agia como se a diferença sexual não devesse ser levada a sério, como se fosse questão de sustentar uma certa in-diferença sexual originalmente suposta. (Safatle, 2010, p. 71-72)

O sujeito pode, assim, agir *como se* sua construção fosse válida, mesmo sabendo a diferença entre os sexos e a ausência do pênis na mulher. Ele simplesmente pode agir como se isso não fosse um fato, construindo para si uma fantasia: substituindo o pênis feminino por um objeto qualquer. Por isso, talvez quem melhor compreendeu esse mecanismo foi Octave Mannoni ao indicá-lo como uma negação que se daria assim: *je sais bien, mais quand même...* (“eu sei, mas mesmo assim...”) (Mannoni, 1985, p. 9). Podemos dizer então na coexistência de dois julgamentos sem que eles se anulem – posso saber e não saber de algo ao mesmo tempo.

3 Vladimir Safatle, no seu livro *Fetichismo – Colonizar o Outro*, destaca como essa teoria infantil que parte de uma espécie de “monismo fálico” leva a crermos como o desconhecimento da diferença sexual é também um desconhecimento do potencial fundamental de alteridade: “esse é um ponto muito importante. É possível que a diferença sexual seja a primeira experiência de alteridade profunda com a qual a criança se confronta no interior da vida social. Nesse sentido, ela é o fato fundamental no interior do que poderíamos chamar de ‘maturação’. Até porque reconhecê-la implica ter à sua disposição um modelo de reconhecimento da diferença que, certamente, influenciará processos sociais mais gerais” (Safatle, 2010, p. 59-60).

4 Podemos confirmar isso nessa passagem de 1925 do texto *Einige Psychische Folgen des Anatomischen Geschlechts-Unterschieds* (*Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*): “enquanto, nos meninos, o complexo de Édipo é destruído pelo complexo de castração, nas meninas ele se faz possível e é introduzido através do complexo de castração. Essa contradição se esclarece se refletirmos que o complexo de castração sempre opera no sentido implícito em seu conteúdo: ele inibe a masculinidade e incentiva a feminilidade. A diferença entre o desenvolvimento sexual dos indivíduos dos sexos masculino e feminino no estágio que estivemos considerando é uma consequência inteligível da distinção anatômica entre seus órgãos genitais e da situação psíquica aí envolvida; corresponde à diferença entre uma castração que foi executada e outra que simplesmente foi ameaçada” (Freud, 1925/1996, p.285).

De fato, é assim que Freud descreve a *Verleugnung* (desmentido)⁵ no famoso texto de 1927, *Fetischismus* (*Fetichismo*). Ou seja, trata-se de um mecanismo diferente da *Verdrängung* (recalque) que ele descreve como uma negação no sentido de recalque. No texto *Die Verneinung* (*A Negativa*), Freud afirma:

negar algo em um julgamento é, no fundo, dizer: 'Isto é algo que eu preferia reprimir'. Um juízo negativo é o substituto intelectual do recalque; ou seu 'não' é a marca distintiva do recalque, um certificado de origem – tal como, digamos, 'Made in Germany'. (Freud, 1925b/1996, p.266, tradução ligeiramente modificada)

Ou seja, trata-se de uma negação que, no fundo, diz assim: “não quero saber sobre isso”, diferentemente da negação fetichista que pode ser resumida como “sei, mas mesmo assim...”.

Freud aponta como essa negação é uma ação enérgica, pois, diante de uma percepção (ausência do pênis), o sujeito ainda assim mantém sua crença: “sim, em sua mente a mulher *teve* um pênis, a despeito de tudo, mas esse pênis não é mais o mesmo de antes. Outra coisa tomou seu lugar, foi indicada como seu substituto, por assim dizer, e herda agora o interesse anteriormente dirigido a seu predecessor” (Freud, 1927/1996, p.157). Noutros termos, o fetichista *triumfa* diante do horror à castração – ele nega a castração do pênis materno e, ao mesmo tempo, consegue eleger um objeto substituto que satisfaça sua fantasia. Triunfa porque não perde o fundamento de suas crenças – ele age como se a percepção da ausência de pênis não abalasse seu sistema de crenças. Diferentemente do que ocorre à grande maioria, que consegue superar o horror à castração, o fetichista triunfa sobre ele sem, com isso, escolher como objeto sexual o homossexualismo.

No texto de 1927, Freud ainda destaca como o sujeito fetichista deve emprestar/projetar no objeto fetiche aquilo que ele busca encontrar. Ou seja, ele cita o caso de um jovem que tem fetiche por certo brilho do nariz que ele “(...) dotara, à sua vontade, do brilho luminoso que não era perceptível a outros” (Freud, 1927/1996, p.155). Seja assim, o sujeito, à sua vontade, pode ou não projetar ou dotar no objeto, no caso o nariz, esse brilho que torna o objeto desejável. Essa é uma observação importante como salienta Safatle:

5 Escolhi a tradução de *Verleugnung* por *desmentido* seguindo as conotações que esse termo parece enfatizar segundo o *Dicionário comentado do alemão de Freud*, de Luiz Hanns. Baseio-me, principalmente, nessa passagem: “há no termo *verleugnen* a ideia de ‘negar a presença-existência’. Trata-se de ‘dizer que não está lá’. Frequentemente, é como se o sujeito soubesse que aquilo que é rejeitado existe, mas continua a negar sua existência ou presença. Nestes casos, o que o termo alemão evoca, em primeiro plano, não é uma postura negativa de discordância com relação ao conteúdo do objeto, mas a contestação da veracidade de sua existência. O que é ‘desmentido’ é a própria existência do objeto” (Hanns, 1996, p. 304).

aqui, tocamos um ponto essencial a respeito do fetichismo. A operação fetichista concerne não apenas ao gozo dependente do investimento libidinal em uma parte do corpo (no caso, o nariz) reduzida à condição de suporte de traço atributivo (o brilho). Ela concerne também ao modo pelo qual o objeto é elevado à condição de objeto do desejo. (Safatle, 2010, p. 77)

Isso é fundamental, uma vez que, diferentemente do recalque, em que o sujeito “não quer saber sobre isso”, o *fetichista sabe* perfeitamente qual é o objeto do seu desejo. E mais, ele é capaz de emprestar a esse objeto atributos que o elevam a essa condição de objeto de desejo. Por isso, Safatle destaca que, com o fetichismo, estamos diante de uma “(...) posição subjetiva não mais caracterizada pelo *desconhecimento*” (Safatle, 2010, p. 77). O sujeito é perfeitamente capaz de reconhecer que o brilho que ele encontra no nariz de uma mulher é uma projeção sua, sem, com isso, ser taxado de “louco”: ele sabe, mas, mesmo assim, é capaz de atribuir a esse objeto como objeto do seu desejo. Não à toa, “para o fetichista, uma mulher só é desejável quando ela se deixa submeter seu modo de gozo ao primado fálico, aceitando transformar-se em puro suporte de um traço atributivo para o qual convergiu a significação do pênis” (Safatle, 2010, p. 92).

Na verdade, Freud já havia destacado isso em um texto apresentado em uma reunião da Sociedade de Psicanálise de Viena, em 1909, como, no fetichismo há “um tipo de recalque instituído através da clivagem do complexo [representativo]. Uma parte é genuinamente recalçada, enquanto a outra é idealizada, o que no nosso caso significa que ela é elevada a fetiche” (Freud *apud* Safatle, 2010, p. 53). Isso quer dizer que, diferentemente do procedimento neurótico, em que a representação é recalçada e o afeto reprimido, no fetichismo, é o afeto que é recalçado (Freud. 1927/1996, p. 156). Podemos dizer que há um recalque parcial do afeto, enquanto o complexo representativo é idealizado. Sendo assim, o que é idealizado é um traço genérico que não se refere a nenhum objeto específico – o sujeito empresta ou projeta no objeto um atributo que o torna desejável, tal como o brilho no nariz da mulher, que atualiza os traços fantasmáticos que o sujeito deslocou na negação da castração.

Entretanto, como dissemos, o fetichista se utiliza de um mecanismo para realizar essa negação da castração feminina. Trata-se de uma negação denominada *desmentida*, em que o sujeito sabe que a mulher não tem pênis, mas age como se ela tivesse, como se ele não soubesse que ela não o tem. Por isso, Freud dirá de uma atitude dividida do fetichista: “tanto a rejeição quanto a afirmação da castração encontram caminho na construção do próprio fetiche” (Freud. 1927/1996, p. 159). O fetichismo rejeita a castração porque substitui o pênis por outro objeto e, ao mesmo tempo, afirma o que nega.

Podemos compreender melhor esse mecanismo se nos voltarmos a um dos últimos escritos de Freud, datado de 1938, *Die Ichspaltung im Abwehrvorgang* (*A divisão do Eu no processo de defesa*). Freud destaca aí como a criança consegue conciliar um conflito aparentemente insuperável. Trata-se de uma situação em que ela está diante de um perigo intolerável – a castração – e que, por isso mesmo, poderia, supostamente, agir somente de dois modos:

- 1) ou reconhece o perigo, renunciando seu desejo;
- 2) ou desmente-o, convencendo-se de que não há nada a temer.

Noutras palavras: “existe assim um conflito entre a exigência por parte da pulsão e a proibição por parte da realidade” (Freud, 1940/1996, p. 293, tradução ligeiramente modificada). Entretanto, mesmo que assumamos que, diante de algo percebido como perigoso, não podemos simplesmente ignorar esse fato – ou o reconhecemos ou o desmentimos –, Freud observa como a criança busca outra saída: “a criança não toma nenhum desses cursos, ou melhor, toma ambos simultaneamente, o que equivale à mesma coisa” (Freud, 1940/1996, p. 293). O que isso significa?

Freud observa como a criança consegue desmentir a realidade e, ao mesmo tempo, assumir o perigo, sem se contradizer, o que, a seu ver, é uma solução muito engenhosa da dificuldade (Freud, 1940/1996, p. 293): recusa e reconhece o que é a angústia. Uma solução engenhosa porque satisfaz à pulsão ainda que respeitando a realidade. Ou seja, a criança, diante do perigo da castração cria um substituto (um *deslocamento de valor*) do pênis feminino e poupa seu próprio pênis de qualquer ameaça – mantendo a crença na existência do pênis feminino, ela não precisa temer por seu próprio pênis.

Mas Freud não deixa de destacar que, com esse movimento, “tudo tem de ser pago de uma maneira ou outra”. É nesse ponto que surge uma divisão (*splitting*) do *Eu*. Ora, sabemos como Freud pensa a função do *Eu*, fundamentalmente, como uma função de *síntese*. Contudo, esse caso evidencia um preço de divisão do *Eu*, mostrando como o *Eu*, em certas condições, também está sujeito a desvios, colocando em dúvida o princípio imediato de síntese do *Eu*. Diferentemente de uma clivagem no aparelho psíquico, Freud observa uma clivagem no interior de uma das instâncias psíquicas. Com isso, Freud parece tentar ver as consequências do fetichismo na própria teoria metapsicológica do aparelho psíquico, tentando “(...) elevar a operação de desmentido a uma forma peculiar de organização psíquica necessariamente pressuposta pelo processo de formação do *Eu*” (Safatle, 2010, p. 93).

Freud já havia deixado claro, por exemplo, em *Zur Einführung des Narzissms* (*À guisa de introdução ao narcisismo*), como o *Eu* não é uma unidade dada⁶, mas que, em algum momento, ele deve ser constituído e que se desenvolve se distanciando

6 “É uma suposição necessária a de que uma unidade comparável ao *Eu* não esteja presente no indivíduo desde o início” (Freud, 2004, p. 99).

do narcisismo primário em direção a um *Ideal-de-Eu* (Freud 1914/2004, p.117)⁷. A constituição do Eu seria, assim, uma tarefa de constituição de uma unidade de sínteses e de auto identidade. Uma pressuposição básica para que possamos identificar no sujeito uma certa coerência na sua história – que ele possa responder por si como sendo o mesmo, tanto na infância quanto na vida adulta. Entretanto, com o desmentido, Freud fala de uma clivagem do Eu. O que isso significa?

Sabemos, por Ernest Jones, que esse manuscrito de Freud foi escrito no Natal de 1937 e publicado, inacabado, postumamente, em 1939. Sendo assim, podemos entrever, das considerações desse texto, que seriam apenas especulações, mas que não deixam de ser pertinentes. Ora, Freud classifica esse modo de lidar com a realidade como algo “que quase merece ser descrita como astuta” (Freud, 1940[1938]/1996, p. 295). Com o desmentido, a criança não recalca a castração e não renuncia ao desejo da pulsão sem, com isso, sofrer as consequências da proibição, por exemplo, de ela se masturbar. O que acontece, por outro lado, é uma clivagem do Eu. Mas qual a consequência dessa clivagem?

É difícil tentarmos responder isso. Freud cita um exemplo desse mecanismo nesse texto, mas que pouco nos ilumina sobre essa clivagem. Trata-se de uma criança que cria um substituto do pênis materno realizando, assim, um desmentido da realidade. Agindo assim, não precisava reconhecer a ausência de pênis nas mulheres e não precisava se preocupar com as ameaças de castração que sua babá lhe tinha imputado em nome do pai. Continuou assim a se masturbar sem temer por seu próprio pênis. “Ele não fez mais do que um deslocamento de valor – transferiu a importância do pênis para outra parte do corpo, procedimento em que foi auxiliado pelo mecanismo de regresso”, afirma Freud (1940[1938]/1996, p. 295).

Contudo, o menino desenvolve um sintoma em que reconhecia o perigo da castração ao ser ameaçado pelo pai. Um sintoma que regressava à fase oral de seu desenvolvimento sexual e que era vivido como um “medo de ser comido pelo pai” (Freud, 1940[1938]/1996, p. 295). Freud ainda cita que, posteriormente, o menino desenvolveu outro sintoma: suscetibilidade ansiosa de ser tocado no pé, o que mostraria como “(...) em todo vaivém entre desmentido e reconhecimento fosse todavia a castração que encontrasse a expressão mais clara...” (Freud, 1940[1938]/1996, p. 295). Ora, não podemos deixar de notar como a clivagem que esta criança realiza é astuta, porque mantém a satisfação da sua pulsão (masturbar), mas que, ao mesmo tempo, desenvolve sintomas regressivos. Entretanto, aqui, Freud não diz mais das consequências dessa clivagem.

O que podemos concluir desse percurso sobre o fetichismo na obra freudiana pode ser resumido assim: este termo aparece como um comportamento perverso ligado à história do desenvolvimento sexual infantil. Logo depois, ele é empregado como

7 Vale aqui nos voltarmos a Lacan e seu famoso “estádio do espelho”. Para isso, ver *Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je – telle qu'elle nous est révélée dans l'expérience psychanalytique* (Lacan, 1966, pp. 93-100).

uma operação de desmentido da castração. E, por fim, enquanto uma possibilidade de clivagem do Eu com o propósito astuto de reconhecer a castração e a desmenti-lo ao mesmo tempo. Esse último movimento nos leva a questionar se o desmentido não seria uma possibilidade mais engenhosa da criança de lidar com a castração do que a que a maioria das crianças realiza diante desse horror: aceitá-la em detrimento ao seu gozo.

Isso poderia nos levar a pensarmos numa *outra forma de subjetividade* não mais pautada no recalque, mas que, de algum modo, sabe da castração, mas que mesmo assim diz sim às suas pulsões... O que, talvez, não podemos avaliar é o preço dessa clivagem do Eu. O que seria um Eu não mais submetido ao princípio de sínteses, mas clivado? O que a clivagem de uma instância que tem, normalmente, a função de síntese, poderia nos levar a pensar da própria metapsicologia freudiana?

Questões como estas não me parecem sem importância, mas poderiam nos dar uma medida do preço que nós mesmos pagamos ao nos submetemos aos imperativos naturalizados como normal. Mesmo porque o fetichismo desafia a própria clínica freudiana, que tem dois dispositivos maiores: a interpretação e o manejo da transferência – ambos calcados na revelação do recalque. Sabemos como, na neurose, há um conflito psíquico entre desejos opostos originados de instâncias psíquicas diferentes⁸. Ora, “que as pessoas adoecem de neurose quando impedidas da possibilidade de satisfazer sua libido – que adoecem devido à ‘frustração’, conforme costume dizer – e que seus sintomas são justamente um substituto para sua satisfação frustrada” (Freud, 1917/1996, p. 348) é algo que Freud afirma em vários lugares. No caso do fetichismo, como o próprio Freud defende, esse conflito parece inexistir:

não é preciso esperar que essas pessoas venham à análise por causa de seu fetiche, pois, embora, sem dúvida, ele seja reconhecido por seus adeptos como uma anormalidade, raramente é sentido por eles como o sintoma de uma doença que se faça acompanhar por sofrimento. Via de regra, mostram-se inteiramente satisfeitos com ele, ou até mesmo louvam o modo pelo qual lhes facilita a vida erótica. Via de regra, portanto, o fetiche aparece na análise como uma descoberta subsidiária. (Freud, 1927/1996, p. 155)⁹

8 “Uma parte da personalidade defende a causa de determinado desejo, enquanto outra parte se opõe a eles e os rechaça. Sem tal conflito não existe neurose” (Freud, 1917/1996, p. 352).

9 A clivagem do eu parece ser uma solução, por exemplo, nessa passagem: “seria desejável saber em que circunstâncias e por que meios o eu pode ter êxito em emergir de tais conflitos, que certamente estão sempre presentes, sem cair enfermo. Trata-se de um novo campo de pesquisa, onde sem dúvida os mais variados fatores surgirão para exame. Dois deles, porém, podem ser acentuados em seguida. Em primeiro lugar, o desfecho de todas as situações desse tipo indubitavelmente dependerá de considerações econômicas – das magnitudes relativas das tendências que estão lutando entre si. Em segundo lugar, será possível ao eu evitar uma ruptura em qualquer direção deformando-se, submetendo-se a usurpações em sua própria unidade e até mesmo, talvez, efetuando uma clivagem ou divisão de si próprio. Desse modo as incoerências, excentricidades e loucuras dos homens apareceriam sob uma luz semelhante às suas perversões sexuais, através de cuja aceitação poupam a si próprios recalques” (Freud, 1925c/1996, p. 352). Tradução ligeiramente modificada).

Por outro lado, sabemos como Freud defende como a renúncia à satisfação imediata da pulsão, em prol do princípio da realidade, torna o Eu racional (Freud, 1917/1996, p. 360). Entretanto, o modo de negação fetichista, tal como apresentada em 1938, *nos leva a crer que é possível satisfazer a pulsão sem, com isso, abandonar o princípio da realidade*. O sujeito é capaz de se clivar... Não estaríamos desse modo diante de uma nova possibilidade de pensarmos o sujeito, a partir do desmentido e da clivagem do eu? E mesmo: não estaríamos talvez diante de outra possibilidade de gozo?

O que dificulta ainda mais estas questões é percebermos que a divisão do Eu não parece ser um caso isolado do fetichismo e mesmo que não ocorre em toda substituição simbólica do pênis feminino por outro objeto (Freud, 1940/1996, p. 216). No capítulo 8 do *Abriss der Psychoanalyse (Esboço de psicanálise)*, Freud também dirá de uma clivagem do Eu se referindo à psicose. Por se tratar de um texto escrito no mesmo ano (e poucos meses depois) que aquele sobre a clivagem do Eu no fetichismo (que vimos acima), podemos ter ideia de como essa questão parecia importante aos seus olhos:

no caso de uma divisão psíquica] duas atitudes psíquicas formaram-se, em vez de uma só – uma delas, a normal, que leva em conta a realidade, e outra que, sob a influência dos instintos, desliga o Eu da realidade. As duas coexistem lado a lado. O resultado depende de sua força relativa. Se a segunda é ou se torna mais forte, a pré-condição necessária para uma psicose acha-se presente. Se a relação é invertida, há então uma cura aparente do distúrbio delirante. (Freud, 1940/1996, p. 215)

Não bastasse esse dado novo, Freud acrescenta a possibilidade de clivagem também na neurose: “o ponto de vista que postula que em todas as psicoses há uma *divisão do Eu* não poderia chamar tanta atenção se não se revelasse passível de aplicação a outros estados mais semelhantes às neuroses e, finalmente, às próprias neuroses” (Freud, 1940/1996, p. 215).

Podemos, assim, pressupor que essa clivagem do Eu seria um mecanismo mais geral do que o apresentado no fetichismo: “deparamo-nos com fetichistas que desenvolveram o mesmo temor da castração dos não fetichistas e reagem da mesma maneira a ela. O seu comportamento, portanto, expressa simultaneamente duas premissas contrárias” (Freud, 1940/1996, p. 216). Isso talvez coloque em xeque as questões que colocamos acima, uma vez que o desmentido seria um modo de negação que não excluiria o recalque de um neurótico, por exemplo.

Isso nos levaria a crer que a divisão do Eu seria então um modo de lidar com a castração de modo amplo, que se daria tanto na neurose, quanto na psicose e na perversão. O texto sobre a clivagem do *Eu no fetichismo (Die Ichspaltung im Abwehrvorgang)*, nesse caso, seria apenas um modo estratégico de expor essa possibilidade do Eu em se

fender, como Freud parece afirmar quando diz que “não se deve pensar que o fetichismo apresente um caso excepcional com referência à divisão do Eu; trata-se simplesmente de um tema particularmente favorável para estudar a questão” (Freud, 1940/1996, p. 217). Tudo nos leva a pensar que o fetichismo somente mostraria de modo claro as clivagens presentes, mas invisíveis, em todo ser humano, tal como em um cristal, em que suas linhas de clivagem só aparecem ao jogá-lo ao chão¹⁰...

Entretanto, não podemos deixar de notar como a clivagem na perversão é muito diferente desta que Freud se refere na neurose. Freud reconhece que esta característica na vida psíquica do neurótico é um conflito entre duas forças opostas que coexistem mutuamente e independentes uma da outra. Mas, “no caso das neuroses, entretanto, uma dessas atitudes pertence ao Eu e a contrária, que é recalcada, pertence ao isso” (Freud, 1940/1996, p. 217, tradução ligeiramente modificada). Com essa observação, podemos novamente recolocar nossas questões, já que, aqui, Freud deixa explícito que se trata de uma clivagem entre instâncias e não no interior de uma específica (o Eu). Uma diferença fundamental, já que o conflito neurótico leva a um impasse e, por isso, ao sofrimento, diferente do conflito perverso. Fica-nos, então, a questão: o que a clivagem de uma instância que tem, normalmente, a função de síntese (o Eu), poderia nos levar a pensar da própria metapsicologia freudiana?

10 Refiro-me aqui a esta bela passagem de Freud: “se atirmos ao chão um cristal, ele se parte, mas não em pedaços ao acaso. Ele se desfaz, segundo linhas de clivagem, em fragmentos cujos limites, embora fossem invisíveis, estavam predeterminados pela estrutura do cristal” (Freud, 1933/1996, p. 216).

An ingenious solution to the horror of castration - an overview of fetishism in Freud

Abstract: Although references to fetishism in Freud's work are sparse, their role, however, is decisive. In a general sense, Freud underlines how a fetishist triumphs when confronted with the horror of castration by denying the castration of the mother's penis and, at the same time, electing a substitute object capable of satisfying his fantasy – a form of denial that is peculiar to Freud's work, and which he names *Verleugnung*. Most interestingly, Freud's final textual production present a clear description of an operation of cleavage to the I – a cleavage within a psychic instance which could lead us to ponder a different form of subjectivity, one which does not have repression as its foundation. If so, it may be asked: what would an I be that no longer subjected to the synthesis principle, but cleaved?

Keywords: fetishism; castration; substitute object; denial; cleavage of the I.

Una solución ingeniosa para el horror de la castración – una visión general del fetichismo en Freud

Resumen: Aunque escasas, referencias al fetichismo en la obra de Freud tienen importancia decisiva. En términos generales, Freud destaca el modo como el fetichista es capaz de triunfar sobre el horror de la castración ya que él niega la castración del pene materno y, al mismo tiempo, logra elegir un objeto sustituto que pueda satisfacer su fantasía – negación peculiar, además, a la obra de Freud, que el mismo denomina *Verleugnung*. Tal vez el aspecto más interesante sea, sin embargo, el que aparece en los textos finales de Freud, donde se muestra claramente una operación de escisión del Yo – una escisión de una de las instancias psíquicas que podría llevarnos a contemplar otra forma de subjetividad no más basada en la represión. Podríamos preguntarnos de echo: ¿qué sería un Yo no más sometido al principio de la síntesis, pero escindido?

Palabras clave: fetichismo; castración; objeto sustituto; negación; escisión del Yo.

Referências

- _____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 7, p. 119 - 232). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).
- _____. Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 09, p. 15-87). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1907[1906]).
- _____. Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 11, p. 67-142). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1910).
- _____. Conferência XXII – Algumas ideias sobre desenvolvimento e regressão – etiologia. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 16, p. 243 - 360). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917).
- _____. ‘Uma criança é espancada’ – uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 17, p. 193 - 221). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919).
- _____. A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 19, p. 155-157). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923).
- _____. A negativa. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 19, p. 263 -265). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1925).
- _____. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 19, p. 273 -277). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1925).
- _____. Neurose e Psicose. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 19, p. 165-167). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1924[1923]).
- _____. Fetichismo. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 21, p. 151-151). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1927).
- _____. Conferência XXXI – A dissecação da personalidade psíquica. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 22, p. 63 - 84). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1933[1932]).
- _____. A divisão do ego no processo de defesa. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 23, p. 291-293). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1940[1938]).
- _____. Esboço de psicanálise. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 23, p. 153-157). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1940[1938]).
- _____. (2004) À guisa de introdução ao Narcisismo”. In *Obras psicológicas de Sigmund Freud - Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (L. Hanns, Trad., Vol.1, p.95 – 132). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1914).
- Hanns, L. (1996). *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Lacan, J. (1966). *Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je — telle qu'elle nous est révélée dans l'expérience psychanalytique*. In *Écrits*. Paris: Seuil.
- Mannoni, O. (1969). Je sais bien, mais quand même.. In *Clefs pour l'Imaginaire ou l'Autre Scène*. Paris: Seuil.
- Safatle, V. (2010). *Fetichismo – Colonizar o Outro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Ronaldo Manzi Filho
Rua Heitor Penteadado, N.1797
Apto. 13, Sumarezinho
05.437-002 São Paulo/SP
(11) 3862-4096
manzifilho@hotmail.com